

Atas do Ciclo de Conferências sobre
"Religião e Património" associado à Exposição

aFÉ[tos]

Convento dos Remédios | Évora, 19 Abril a 31 Agosto 2012

www2.cm-evora.pt/religioepatrimonio

ISBN: 978-972-8509-49-1

Património Religioso Cristão em Portugal: A memória dos primeiros programas edificados

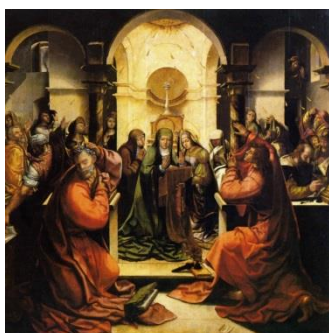
Manuel F.S. Patrocínio

Departamento de História (Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais)

Centro de História da Arte e Investigação Artística



Das realizações decorativas que Vasco Fernandes (+ 1542) concretizou para acompanhar a reconstrução moderna da Abadia de Santa Cruz de Coimbra, e que se assinalou para os anos de 1525-1530, restaram marcantes quadros, como seja o da representação de *S. Pedro* (Museu Grão Vasco, Viseu) e a teatral figuração da cena de *Pentecostes* (ca. 1535). Afirmando-se como um dos pintores de afirmação do Renascimento e inícios do Maneirismo em Portugal, a temática religiosa era subjacente aos seus quadros, revelando o desenho fluido ou os volumes expressivos que se conseguiam por uma maleável representação de gestos e indumentária, bem como da modelação que registava pormenores de textura e transição entre luz e sombras; sendo que o propósito seria, precisamente, cénico, integrando o que se designará por *arquitecturas* – isto é, elementos cenográficos que replicavam elementos arquitectónicos e a sua respetiva disposição, como modo, também privilegiado, de definir limites compositivos.



Vasco Fernandes ("Grão Vasco")

Pentecostes

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grão_Vasco_Pentecostes

Assim sendo, por constituir um curioso apontamento que é um firme assento de distinção espacial, é bem sugestivo o elemento arquitectónico que, no quadro do *Pentecostes* (o qual se conservou nas exposições da Sacristia da Igreja da Abadia de Santa Cruz, em Coimbra), demarca a divisão de planos, distingue grupos, e contribui para o efeito de centralização, seja quanto ao cerne da história que se conta, seja quanto à posição em relação à profundidade que ocupam, no quadro, as três mulheres santas, das quais Nossa Senhora ¹. Não se figurando qualquer templo coevo com esta *arquitectura*, no entanto reconhecem-se elementos de tratadística: colunas de recorte em gola toscana, cujo ábaco se desdobra num volume em paralelepípedo; por sua vez, as colunas são o apoio dos arcos alongados que separam uma nave da zona de transepto, antecedendo o altar; as Santas estão aí mesmo, sob um cruzeiro cuja projeção em cúpula está escondida, mas pela qual entra a luz, salpicada pelas línguas de fogo ².

¹ Descreve-nos D. Markl algo deste quadro, que, apesar do equilíbrio figurativo, teria já "grande agitação, de marcada tendência maneirista, no alongado idealista das formas (...). Se o grupo das três mulheres, no eixo da composição, é ainda renascentista, o resto dela já antagoniza esta categoria estética" (MARKL 1986: 120).

² Esta *arquitectura*, "de inspiração renascentista, onde se pressentem diversas hesitações (a camada cromática deixa ver o desenho subjacente com constantes alterações e retomas de forma) é magnificamente estruturada pela luz incidente da abóbada central (...). Não se trata aqui de uma simples justaposição de planos unificados pelos jogos rítmicos da luz, mas de uma composição cuja dinâmica se

Sugere-se estarmos perante a representação do que, então, seria um *modelo*, de função prévia a qualquer programa edificado, e que, em pintura, mais rapidamente se visualizava, cabendo de fato aos desenhadores a função de observação e de restituição do que eram os exemplos monumentais que, no séc. XVI, e sobretudo em Roma, se redescobriam quanto à Antiguidade. A figuração arquitetónica proporcionada por Vasco Fernandes corresponderá, porventura, à restituição de um espaço que, pertencendo ao Antigo, se adequava à própria evocação dos momentos fundadores da Igreja, e que era o espaço edificado dos primeiros templos cristãos, ainda então participantes do *Clássico*. Portanto, representa-se aqui algo de um sentido de memória, conforme a base fundadora em que se teria estabelecido a conceção fundamental das primeiras igrejas, porque o elemento formal de articulação entre coluna e arcaria – precisamente, como aqui se vê, tripartida - e que se coloca para a função de divisão entre nave e zonas reservadas, corresponde à *iconóstase*, e que se desenvolveu sobre alguns princípios inovadores trazidos pelo fomento das basílicas construídas em Roma, no séc. IV.³

A programática da *arquitectura paleocristã*, decorrendo da disposição do anterior modelo das *basilicae* públicas romanas, dirigiu-se a um culto coletivamente participativo, onde se acentuava o sentido de espetáculo, tal como se evidenciava pela exaltação da contemplação do divino, a modo de *teatro sagrado*⁴. As cancelas (designando-se também pelos termos latinos de *cancellae* ou *transennae*) e, depois, as estruturas de iconóstase traziam uma definição cénica ao interior dos templos, em que a congregação se distanciava fisicamente da celebração oficiada pelo padre, no lugar da capela-mor - a qual, no contexto dos desenvolvimentos arquitetónicos romano-tardios, se instala na área de *abside* do edifício⁵. A separação física destas zonas será, na verdade, um aspeto duradouro. A tripartição que há-de aplicar-se às arcarias de iconóstase estava, de resto, subjacente à distinção espacial de áreas transversais (nave, transepto, altar), como depois também em áreas longitudinais, de que resultaria posteriormente a diferenciação entre naves, funcionando de início as laterais ainda sobretudo como *corredores* destinados à passagem, mais do que como

estabelece a partir do ritmo expressivo da forma" (RODRIGUES 1995: 120). Há uma solução construtiva com tal modelo de coluna, que não numa aplicação interior, mas exemplificada no claustro toscano do Convento de Nossa Senhora da Graça (Évora), de Miguel de Arruda, também datado de anos próximos à obra de Vasco Fernandes (ca. 1540); a evidência é, claro, o que circulava de uma cultura comum, humanista, e que traz sentidos clássicos aos programas portugueses. Cf. HORTA CORREIA (1991): 30-40; CRAVEIRO (2009): 60-62, com referência ainda para os diversos estudos de Rafael Moreira sobre as obras da época de D. João III em Évora. De resto, o *italianismo*, ou, mais latamente, a adesão ao modo clássico, fica patente na própria assinatura que Vasco Fernandes deixou neste seu *Pentecostes*, latinizando o primeiro nome como *Velasco* (RODRIGUES, id. Ibid.; MARKL, id. ibid.).

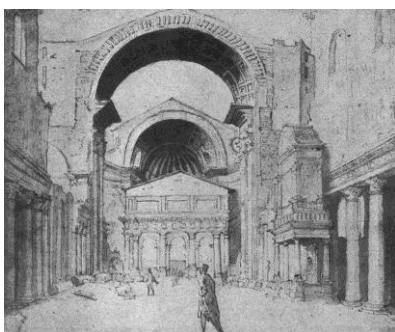
³ Segundo a definição, *iconostase* "na origem era uma separação baixa, análoga ao cancelo das primeiras basílicas cristãs, por cima da qual se podiam ver os mosaicos da abside"; a Oriente, o culto inicial das imagens, movendo multidões, levou a que, sobre essa mesma divisória, se passassem a colocar os ícones, de onde a sua designação depois corrente (in: M. Calado; J.H. Pais da Silva: *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa: Presença, 2005; p. 198).

⁴ "O conceito de paleocristão não é absolutamente claro em termos de arte, integrando-se no contexto mais abrangente de Arte da Antiguidade Tardia. Com efeito, só começa oficialmente a haver arte cristã a partir do Édito de Milão, no séc. IV, mas os cristãos não tinham sido alheios, até então, à estética e funcionalidade dos espaços e das decorações" (MACIEL 1999: 58).

⁵ A este respeito, realce-se que "um dos elementos fundamentais que os cristãos foram buscar à arquitectura romana, pela funcionalidade evidente nas suas reuniões litúrgicas, foi a abside (...). Tendo origem na basílica civil, para assento do Juiz e do seu tribunal, ela vai ser o lugar óptimo para o Bispo nas reuniões dos cristãos e estava destinada, pela sua forma espacial, a transformar-se em santuário, já que a sua cobertura é símbolo do firmamento" (MACIEL id., ibid.: 59).

deambulatórios de carácter ritualístico ou devocional ⁶.

A imaginação renascentista apoiava-se, pois, no que ainda existia à vista na cidade de Roma, incluindo as igrejas que mantinham aspetos construtivos originais, quanto à sua fundação antiga, sabendo-se que o desenvolvimento dos primeiros programas edificados cristãos remontava à época de Constantino (+ 324), acompanhando o reconhecimento oficial do Cristianismo e a sua proclamação. Com este advento, foi conseqüentemente necessário encetar também novos programas construtivos que respondessem à necessidade de templos, para a celebração do novo culto; aproveitou-se o modelo da *basilica latina*, cuja função original era ser um edifício público que prestasse serviço de carácter legal ou comercial, para se estabelecer a partir daí a tipologia do que viria a ser a *igreja*, de espacialidade interior suficientemente ampla para congregar a assembleia dos devotos, e suficientemente condigno, nas suas linhas simples, para exprimir o sentido de despojamento requerido. Edificava-se, assim, a primitiva *Basilica de S. Pedro*, no lugar do presumível martírio do Apóstolo (que se teria sucedido no ano 64, após o Grande Incêndio, durante as perseguições de Nero, que tinha o seu Circo precisamente nos Campos Vaticanos); terá sido consagrada em 333.



Maarten van Heemskerck

Vista da Basílica de S. Pedro, ca. 1535

Fonte: http://www.commonswikimedia.org/wiki/File:Maarten_van_Heemskerck_013.jpg

Também se dava então início, *ca. 326*, à que viria a ser conhecida como *Basilica do Santo Sepulcro*, no sítio escavado por ordem de Santa Helena, enviada à Terra Santa por Constantino (que era o seu filho), e também por São Macário, Bispo de Jerusalém, na busca dos lugares fundamentais da martirilogia cristã. Seria consagrada pouco depois da obra de Roma, em 335, e que não se tratava de uma única igreja, mas de um complexo, entretanto reedificado em período medieval, que articulava, como espaços principais, um *atrium* porticado, sobreposto ao Gólgota e confinando com o antigo *fórum* romano, a que se seguia uma Grande Basílica (chamada de *Martyrium*) e, por fim, a Rotunda da *Anastasis* (a *Anástase*), assinalando, em sucessão, os pontos em que teria decorrido o Calvário e a Crucificação, bem como o Santo enterramento e a Ressureição,

⁶ Cf. FONTAINE 1977.

monumentalizada pela Grande Rotunda constantiniana, que se erguia sobre uma gruta⁷. A interligação com as estruturas clássicas era evidente, porque, além do *fórum*, para cuja construção se havia procedido a aterros no local, o complexo basilical do Santo Sepulcro veio também derrubar os famosos templos pagãos erigidos por ordem de Adriano, ca. 135, e dedicados a Júpiter e a Afrodite, que, já no séc. II, fariam parte da tentativa de abafar outras celebrações alegadamente correlativas com as emergentes práticas religiosas cristãs, e no período em rebatizou a cidade como *Aelia Capitolina*, tendo subsistido vestígios nos alicerces da obra constantiniana⁸.



Coluna coríntia

Haram esh-Sharif
(Monte do Templo, Jerusalém)

Área subterrânea da Porta Dupla, dos registos fotográficos do Arquivo do Congresso (Washington DC),

Fonte: <http://www.israeldailypicture.com/2012/10/what-is-behind-mysterious-sealed-gates.html>

Decorrendo deste fomento construtivo, que se constituiu em programa e originou realizações imponentes, significativas quanto à distinção dos lugares de origem do Cristianismo e que estabeleceram modelos, a memória veio a fixar-se nas descrições literárias do próprio tempo: caso do texto *Vida de Constantino*, redigida por Eusébio (Bispo de Cesareia) por volta de 335, que, muito embora sendo elogio à figura e devoção de Constantino, deixou testemunho da obra que se terminava em Jerusalém⁹.

Caso, igualmente, do texto de *Viagem à Terra Santa*, da monja Egeria (ou *Itinerarium Egeriae*), redigido depois de 384, e cuja segunda parte, dedicada à descrição litúrgica das celebrações missais em Jerusalém, tem como contínuo cenário o recinto constantiniano. Depois de começar o seu itinerário pelo Vale do Monte Sinai e percorrer seguidamente os lugares que, na Palestina e Mesopotâmia, se referiam aos protagonismos

⁷ Cf. MURPHY-O'CONNOR (1998): 45-ss. "Is this the place where Christ died and was buried? Very probably, yes. At the beginning of the C1 AD, the site was a disused quarry outside the city walls (...). Tombs similar to those found elsewhere and date to C1 BC and the C1 AD had been cut into vertical west wall left by the quarrymen (...). These facts are the meagre contribution of archaeology, but at least they show that the site is compatible with the topographical data supplied by the gospels" (id., ibid.: 45).

⁸ Id., ibid.: 46-47; 55-57.

⁹ In *Vida de Constantino* (3. 34-36); apud MURPHY-O'CONNOR (1998): 48.

bíblicos, Egéria descreve intensamente os hinos, orações e rituais litúrgicos centrados na Basílica do Santo Sepulcro¹⁰. Como indica, “de facto, todos os dias, antes do cantar dos galos, são abertas as portas da Anástase e todos descem, *monazontes* (monges) e *parthenae* (virgens), não somente estes, mas também além deles os leigos, homens e mulheres, aqueles pelo menos que querem fazer a vigília matinal” (*Itin. Eg.*, 24.1)¹¹.

Depois, “logo que começa a clarear, então começam a dizer os hinos da manhã. E eis que chega o bispo com o clero e imediatamente entra para dentro da gruta [sob a *Anastasis*] e, detrás das grades [ou *cancellae*], diz primeiro uma oração por todos (*Itin. Eg.*, 24.2)¹². Aqui, então, a referência expressa ao elemento de *cancellae*, que era gradeada e se há-de tornar depois na estrutura iconostática, descrevendo-se assim o modo como servia para a própria circulação do oficiante, afastando-se dos fiéis para a comunicação com o divino, mas mantendo-se na sua vista. Continuando, quanto aos passos executados pelo bispo, diz ainda Egéria que, “em seguida, [ele] diz uma oração e benze os fiéis. E depois disto, quando sai detrás das grades, todos se aproximam para lhe beijar a mão, e ele benze-os um a um ao mesmo tempo que vai saindo, e assim a despedida tem lugar, com o dia já entrado” (*Itin. Eg.*, *ibid.*)¹³.

A nova cultura cristã, neste momento de institucionalização pública e crescente consolidação coletiva, em pleno séc. IV, decorre, não menos, na própria cultura romana, como parte de uma intenção de regresso a valores humanistas e a sentidos visuais, ou temáticas, que, muitas vezes, retomam modelos do passado, embora adequados a alguma outra simbólica distinta. Sob a forma da *rhetorica christiana*, a religião proporcionou-se ao desenvolvimento de uma filosofia e de uma categorização de realizações literárias, onde os padres e bispos cristãos se tornavam também sábios, num contexto em que a coexistência e confronto com o paganismo, apesar de tudo, era ainda muito evidente, tal como eram de base pagã as matrizes do próprio sistema de pensamento o que a nova cultura recorria¹⁴.

A partir do séc. IV, a nova cultura emergia igualmente na Lusitânia, não apenas atendendo-se à origem da monja Egeria, oriunda da *Callaecia* e presumivelmente natural da antiga Bracara Augusta, representante da nova participação e adesão à vivência cristã, como assinalando-se outros protagonismos, caso do Bispo Potâmio, aceite como sendo o primeiro prelado olisiponense, ele mesmo um dos novos escritores cristãos da época, e a quem o próprio Imperador Constâncio II (*reg.* 337-361) teria feito a oferta de uma *uilla*¹⁵. Potâmio de Lisboa, num dos seus textos, exemplifica o recurso a anteriores temas em contextos semióticos novos, caso da referência ao *auriga*, figura que vem dos dramáticos espetáculos circenses antigos, e a que o bispo lusitano

¹⁰ Cf. MARIANO e NASCIMENTO (1998).

¹¹ In MARIANO e NASCIMENTO (1998): 173.

¹² “ecce et superuenit episcopus cum clero et statim ingreditur intro spelunca et de intro cancelos primum dicit orationem pro omnibus”; in MARIANO e NASCIMENTO (1998): 175.

¹³ In MARIANO e NASCIMENTO, *id. Ibid.*

¹⁴ “Os cristãos cultivavam o saber e queriam provar que também eram capazes de discorrer sobre o conhecimento, a filosofia e a arte, defendendo os valores clássicos na medida em que eles o eram verdadeiramente do ser humano” (MACIEL 2000: 137).

¹⁵ Cf. MACIEL, *id.*: 135.

vem atribuir a valorização de fazer significar a alma humana ¹⁶. Define-se, então, um novo património espiritual, que se constituirá como legado para tempos futuros, e que acompanha, nomeadamente, o culto dos Mártires, que tinham ousado afirmar-se como Cristãos, e em momentos em que as perseguições os vitimavam; tinham trazido aos próprios territórios o testemunho da nova religiosidade, tal como *aurigas* portadores de uma nova esperança; os lugares receberiam doravante o seu nome, ligados que ficavam o sangue derramado à terra do sacrifício ¹⁷.

Acompanhando a progressiva implementação institucional do Cristianismo no que era ainda o Império Romano na sua totalidade, e indo dos Éditos constantinianos aos Decretos de Teodósio I, o período que vai do séc. IV ao séc. V é, precisamente, aquele em que também decorreram as primeiras fundações de património edificado cristão em território lusitânico, resultando em realizações que obedeciam, evidentemente, sobretudo à inovação dos templos constantinianos e do trânsito de temas para novos significantes. Em fases em que os impostos sobre os moradores das cidades recebiam decreto de pesados aumentos, as cidades romanas são igualmente rodeadas de novos amuralhamentos, como no programa das *Muralhas Aurelianas* (Roma); ou - do que se conhece para o território português - novas muralhas de época tardo-romana também em Conimbriga e *Ebora Liberalitas Iulia* (Évora), sendo que as áreas urbanas vieram a ser muito reduzidas com estes programas ¹⁸.

E é o período em que surgem os grandes complexos rurais, dotados de casas áulicas e formavam autênticos aglomerados populacionais no que chegou a ser considerado como uma “fuga para o campo”. Esta dinâmica acaba, enfim, por revelar igualmente o modo como o Cristianismo foi um fenómeno do mundo romano, que se dissemina a partir de estratos sociais elevados, e a comprovação está no facto dos primeiros templos cristãos surgirem no contexto das grandes *uillae* latifundiárias com auge em torno aos sécs. IV-V, caso das *uillae* de Torre de Palma (Monforte, Portalegre); S. Cucufate (Vidigueira, Beja); ou de Milreu (Estoi, Faro), com vestígios romanos completos e ainda importantes vestígios artísticos, esplêndidos mosaicos e decoração escultórica, e onde surgem edificações do novo culto, apenas para se referirem algumas das que se vieram a descobrir a sul do Tejo.

¹⁶ Cf. MACIEL, id.: 138 (“o ser humano [...] era composto de alma e corpo, sendo esse conduzido por aquela pela vida fora, como o *auriga* conduzia então, no *cursus* do circo, a sua biga, a sua quadriga ou até mesmo, pelas estradas do Império, um carro de transporte – *plaustrum* ou *carpentum*- ou carro de correio público”).

¹⁷ Caso emblemático da evocação dos Mártires olisiponenses, Veríssimo, Máxima e Júlia, massacrados na praia que veio receber o topónimo de *Santos*; conta-se que, supliciados e abandonados nesse sítio, os seus corpos ter-se-ão mantido incorruptos e imunes ao ataque dos animais. Então, conforme a narrativa que chegou a tempos modernos: “a piedade cristã andando o tempo, edificou uma igreja dos Santos Mártires, em que permaneceram os corpos muitos anos”; isto até D. João II trasladá-los para uma nova igreja que lhes seria dedicada, assim se explicando a origem, em Lisboa, das duas igrejas de Santos-o-Velho e Santos-o-Novo (in Luís Marinho de Azevedo, *Tratado da Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa*, Lisboa: Oficina de Manuel Soares, 1753 [1652], Livro IV). Cf. também, ainda para uma referência ao Bispo Potâmio, MACIEL (1996): 38-39; e ainda para o Culto dos Mártires, id., *ibid.*: 40-42.

¹⁸ Cf., em geral, para uma perspetivação artístico-arquitetónica do período e suas expressões: MARROU 1979; HAUSCHILD 1986; ou MACIEL 1995 e 1996.

A *uilla* de Torre de Palma, identificada nos terrenos da Herdade com o mesmo nome, ofereceu um conjunto excepcional de mosaicos, caso do célebre painel das Musas¹⁹. A figuração em relevo com uma representação de Marte, funcionava como imagem de um culto privado com conotações agrárias, a que, de resto, se referia, em contexto rural, a presença da invocação a este deus; havendo um *aedolum* familiar localizado junto ao *peristylum* da casa, no ponto onde decorreu o achado, proporcionando cronologia para períodos do Alto Império, confirmavam-se os sinais de práticas da religião romana tradicional²⁰. A fundação da *uilla* remontava, de fato, ao próprio dealbar da romanização do território, sendo então reconstruída no séc. III; durante o período de Constantino e época valentiniana (séc. IV)²¹.

Será, pois, em fase recente, coincidente com o fomento construtivo por todo o Império, que se configura o momento de maior expressão da *uilla* de Torre de Palma, e em que se sucede a edificação da basílica, definindo-se como um espaço de disposição longitudinal, rematada por espaços interiores em absíde, de que se resgataram os alicerces de muros e as bases de colunas, sugerindo a configuração original da nave central, ladeada de arcarias, e destinada à assembleia²². Ao lado do edifício basilical, surgia a estrutura anexa de *baptisterium*, que é outra das novas tipologias que decorrem das necessidades rituais fundamentais dos sacramentos cristãos, e que, aqui, se distingue por envolver um tanque, ou fonte batismal, com desenho cruciforme de duplo braço e alternância entre recortes absidiados e retos²³.

¹⁹ Ver: LANCHÁ e ANDRE (2000).

²⁰ O relevo com figuração de Marte, comportando uma inscrição votiva com datação do séc. II, é dos achados romanos mais curiosos em território português (cf. José Luís de Matos: *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português de Museus; 88-89, entre outros). Salvo o extenso grupo de figurações de Endovélico, é das raras representações conhecidas de deuses na Lusitânia, mesmo em período romano. O simbolismo deste deus, que, no enquadramento da *interpretatio romana*, foi dos que mais se prestou ao sincretismo com divindades locais (embora no achado de Torre de Palma se mantenha a sua identidade plenamente romana), correlaciona-se com o seu sentido de proteção dos grupos, proteção da casa e da propriedade, e também de segurança da terra, ao mesmo tempo que evoca a propiciação regeneradora e curativa, numa evolução quanto ao modelo de divindade guerreira que lhe trouxera origem (em contextos indígenas, "Mars was given a number of native surnames or titles; his identity was adopted as a peaceful protector, a healer and a territorial or tribal god"; Miranda Green: *Dictionary of Celtic Myth and Legend*, Londres: Thames and Hudson, 1982; 140)

²¹ LANCHÁ e ANDRE (2000): 35-ss e 83-ss. Tendo sido identificada somente em 1947, e constituindo-se desde logo como um achado da maior importância patrimonial quanto à presença romana na Lusitânia, as primeiras campanhas de exploração arqueológica do lugar decorreram sob responsabilidade de Manuel Heleno, então Diretor do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

²² Assinala-se que, neste período tardio, a *uilla* evidencia pontos reconstrutivos que se terão sucedido em consequência de abalos sísmicos fortes; a escavação do recinto e estruturas da basílica, ao que parece fundada antes de 360, revelou então duas plantas, com diferenciações, em que a primeira fase correspondia a um edifício de cabeceira plana e a seguinte, por necessidade de reedificação, trouxe assim o esquema das "duas ábsides simétricas (...) construídas, em conformidade com uma especialização litúrgica que conduz, na tradição siríaca à criação, no coro, de um *ambon* e uma *bema*. A absíde oriental é arquitectónica, a absíde oeste é inclusa, instalada entre vigas" (LANCHÁ, ANDRE, id., ibid.: 93). Ver também HAUSCHILD (1986): 156-158.

²³ A construção deste batistério será do período de Teodósio I (392, depois), e foi acompanhado de outros diversos arranjos (LANCHÁ, ANDRE, id., ibid.); a estrutura foi incluída num recente estudo de Mestrado em História da Arte da Antiguidade (José Manuel Veiga Gomes: *Os Baptistérios da Lusitânia Ocidental*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2009 - dissertação policopiada; 78). Cf., igualmente, para exemplos comparativos, e no caso dos achados de Mértola: LOPES 2008.

Distinguindo-se como micro-centros económicos nos lugares em que se implantavam, as *uillae* que, nesse período, começaram a ter pequenas basílicas particulares, aonde, no entanto, acorreria também a população das redondezas, diversificavam-se consoante a hierarquia dos territórios, comportando diferenciações de escala ou tamanho. Determinadas *uillae*, como a de Rabaçal (Penela, Coimbra), também de fundação em períodos imperiais, não evidenciam tão claramente a passagem para os momentos de refuncionalidade cristã, muito embora, após fases de majestosa aplicação decorativa de mosaicos com temas vigorosos de sentido alegórico ainda correlativo com o espírito romano, tenha sido detetado um uso, em séculos imediatamente posteriores, como lugar de enterramentos ²⁴.

Noutros exemplos assinaláveis, a integração faz-se pelo aparecimento de bojudas estruturas, no próprio contexto de *uilla*, de que resultaram os imponentes edifícios de planta redonda ou absidal, proporcionando a tipologia de espaços chamados de *aula* pela sua distinção enquanto áreas amplas, e classificados, conforme a sua funcionalidade, como *martyria* ou como *mausoleum*. É a tipologia que se encontrou nas *uillae* de S. Miguel de Odrinhas (Sintra, Lisboa), S. Cucufate ou Milreu, sempre na íntima ligação ao papel da estruturação económica, fundiária como comercial, que caracterizou a Lusitânia em momentos tardo-romanos, e que era o enquadramento para a progressiva implementação de novos edifícios cristãos ²⁵.

Na *uilla* de Milreu, igualmente fundada no séc. I, e com obras de transformação nos sécs. III e IV, a monumentalização atinge um registo expressivo no arranjo que resulta no templo absidal junto ao peristilo, rodeado de tanques e, segundo o que se reconstituiu, depois coberto por uma estrutura quadrangular, com telhado de panos intersetantes, suportados por um sistema de colunatas e arcarias simples, envolvendo uma galeria aberta, sendo, de resto, a base do edifício rodeada por tanque aquático revestido a mosaicos ²⁶. Se bem que a história do lugar e dos seus anteriores proprietários, conforme o que se documentou pelo achado de esculturas de retratos imperiais (atualmente algumas guardadas no Museu de Faro), tivesse sido uma história confirmando a presença romana e a prevalência do paganismo, no séc. V o templo será enfim cristianizado; e a *uilla* mantém-se em utilização após o fim do Império ²⁷.

²⁴ Cf. PESSOA 2007 e 2008; o mesmo investigador tratou também a *Villa* de Rabaçal na sua tese de Doutoramento (Miguel Simões Pessoa: *A Villa Romana do Rabaçal: um centro na periferia do Império. Estudo dos Mosaicos da Antiguidade Tardia*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2011. Dissertação policopiada).

²⁵ Cf., para os diversos estudos sobre estes monumentos, bem como sobre as *uillae* e seus respetivos vestígios: BERNARDES 2006, CAETANO 2008; HAUSCHILD 1984, MACIEL 1999, entre outros.

²⁶ Cf. HAUSCHILD 1984 e 1986.

²⁷ BERNARDES (2006): 16-17 (cf., também: João Manuel Bairrão Oleiro, "A escultura romana em Portugal. O retrato do Imperador Galieno no Museu Regional de Lagos", in *Brotéria*, Vol. 50, Lisboa: Instituto Europeu de Ciências da Cultura, 1950; Theodor Hauschild, "Dois bustos romanos de Milreu (Estoi)", in *Anais do Município de Faro*, Vol. 3, Faro: Câmara Municipal de Faro 1971).

O aparecimento de outras basílicas, também nos sécs. V-VI, continua a registar-se já fora das propriedades, mas mantendo-se na proximidade de *uillae* ou de focos urbanos: a *Aula* de Tróia (Grândola, Setúbal), ou a *ecclesia* do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim, Faro), curiosamente adjacentes a pontos de circulação marítima ou fluvial em que não deixava também de se integrar o mundo rural ainda romano²⁸. De modo geral, regista-se, não menos, e ao cabo da evolução dos anos, o caso de *uillae* que se transformam em *monasteria*; ou seja, recebem a instalação de comunidades religiosas, ao mesmo tempo que começam a surgir apontamentos sobre histórias locais que comportam novos protagonismos, correlativos com os santos mártires ou, tão só, com a passagem dos mesmos em determinados lugares – narrativas, que são as que o futuro conservará enquanto distinção fundadora²⁹.

Uma dessas narrativas veio a conservar-se num texto do séc. X e correspondente à descrição da *passio* ou martírio de S. Mâncio, assim ressurgente, e que testemunha um culto subsistente em memória deste santo, que terá sido supliciado em torno ao séc. VI, em torno do qual cresceu a aldeia que tomou o seu nome, S. Manços, nas proximidades de Évora³⁰. O texto da *Passio de S. Manços* é explícito na descrição do modo como, no contexto de uma propriedade rural, se edificou a *basilica* alusiva, tendo ao lado uma *beati fontis aedificia* (ou *baptisterium*), assinalando-se que o corpo do Santo teria ficado sepultado sob o altar; o monumento é, com efeito, um *Martyrium*, ou *mausoleum*, composto por uma ampla torre quadrangular atualmente situada atrás da capela-mor da Igreja paroquial (reconstruída por sua vez em finais do séc. XVII, conforme data sobre lintel interior da porta de passagem da zona de capela-mor para a sacristia). O aparelhamento da referida torre é, sem dúvida, de *opus quadratum* romano, disposto com base na arrumação de blocos de recorte regular e superfície alisada, com perfurações destinadas aos ganchos de *forceps* que erguiam os blocos até à sua colocação final³¹.

²⁸ Cf. MACIEL 1996, para o monumento do Montinho das Laranjeiras: 91-100 e para a Basílica de Tróia, 193-ss. Considerando-se o lugar do Montinho das Laranjeiras, tratava-se de uma “*uilla* fluvial, que se integra na geografia humana do vale do Guadiana desde o início da romanização”, e que, em período avançado, “vê erguer em anexo uma *ecclesia* de planta cruciforme, que bem justifica a hipótese de, na Antiguidade Tardia, a *uilla* se ter transformado também em *monasterium* e em ponto de apoio aos viajantes, mercadores e peregrinos que subiam e desciam o rio” (MACIEL, id., ibid.: 116).

²⁹ A prospeção arqueológica e a intenção de conhecimento de diversos vestígios tem resultado na chamada de atenção, quanto a este outro enquadramento, para determinadas estruturas que, mesmo arruinadas ou transformadas, serão o inequívoco testemunho de um fomento construtivo que acompanha a implementação cristã após o término da Antiguidade Tardia; uma intensa concentração de vestígios desta categoria parece caber ao que sucedeu na área de fronteira entre os antigos territórios de *Ebora Liberalitas Iulia* e *de Pax Iulia*. Assinalou-se, nomeadamente, a identificação de estruturas subjacentes ao moderno Santuário de N^ª Senhora de Aires (Viana do Alentejo), também, sob a Ermida de S. Sebastião (Alvito), ou a mais reconhecível estrutura basilical do Sítio dos Mosteiros (Portel) e da *uilla* do Monte da Cegonha (Vidigueira) e os indícios para a hipótese de presença de uma outra estrutura de *ecclesia* em S. João dos Azinhais (Torrão, Alcácer do Sal), etc.. Cf. Jorge Manuel Moreira Feio: *Marcas arquitetónico-artísticas da Cristianização do território entre Évora e Beja*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2010 – dissertação policopiada.

³⁰ MACIEL (1996): 100-ss. Conta-se que S. Mâncio, um romano, servindo uma família de judeus, e não aceitando abjurar da religião cristã, foi torturado por estes até à morte. Quando a propriedade onde foi sepultado passa para mãos de outros senhores, já cristãos, o corpo recebe um enterramento digno, sob e cujo sepultamento resultou a torre monumentalizada que veio a subsistir (id., ibid.: 100-101).

³¹ Estabelecendo-se um importante centro de peregrinação e romagem, e numa situação paisagisticamente envolvente, situando-se este *martyrium* diante da planície, orientado para poente e junto a cursos de água, diz-se então na *Passio* que, quanto ao que se sugere ser um complexo grande, “preciosos átrios se levantavam com ornamentos de colunas”, “todas as paredes se revestiam de mármore”, e “o solo decorava-se de ridente mosaico”; “construíram-se muros em volta das *baesilicae*, com torres dispostas nos flancos, de tal modo que, olhando de longe, as pessoas julgavam que teria nascido ali uma esplendida cidade”. Além disso, “plantaram-se bosques”, “para oferecer sombra ao agradável logradouro circundante”; apud. MACIEL 1996: 101.

**Igreja de S. Manços (S. Manços, Évora)**

Lado nascente

Vestígios de Basílica e torre do martyrium paleocristão

Fotografias: M.F.S Patrocínio

O séc. VI corresponde a uma assinalável viragem, sucedendo as invasões que trouxeram os Suevos até à Lusitânia, na ocasião em que se formaram novos domínios políticos quase sobre o decalque das antigas províncias e dioceses, mas igualmente consolidando-se as práticas e os preceitos religiosos, e suas histórias, em que se enquadravam as narrativas relativas aos santos e aos mártires, como modo de fundamentar peregrinações enquanto parte da experiência do sagrado: Na verdade, os Suevos, tal como outros dos chamados *povos bárbaros*, apesar do seu apego a crenças e rituais imemoriais, não apenas chegavam já convertidos ao Cristianismo e respeitando a organização eclesiástica, como prosseguiram a diligência da edificação de basílicas, sendo que Suevos e, a seguir, Visigodos distinguiam-se como eminentes construtores, ao mesmo tempo que se reforçava o sentido de *Igreja* extensivo a toda a sociedade, em plena evangelização, conforme a própria ação de figuras como S. Martinho (séc. VI), Bispo de Dume, autor de um vigoroso texto denunciando os hábitos pagãos e os costumes supersticiosos, intitulado-se *Da Correção dos Rústicos* ('De correctione rusticorum')³².

Em resposta ao que era, com efeito, um esforço também político, a arte dos reinos romano-bárbaros manteve os modelos basilicais para a construção de templos cristãos, sendo que o mesmo tinha dois tipos de disposição: longitudinal (ou *basílica latina*) e centralizado (ou *basílica bizantina*). Os Suevos, estabelecendo a sua capital em Braga, fundaram em torno ao território minhoto e duriense uma série de igrejas durante os sécs. V-VI, sobretudo notando-se o que terá decorrido após as determinações do Concílio de *Bracara* de 561, e que obedecem ao sentido centralizado, em tradição que sobreviveu. Subsistiram os vestígios das Igrejas de S.

³² Cf. M. J. P. Maciel, "O 'De correctione rusticorum' de S. Martinho de Dume", *Bracara Augusta*, Vol. 35, Braga, 1980 – separata.

Martinho de Dume, cuja primeira basílica, fundada pelo Bispo que lhe deixou o nome, foi consagrada em 558, e de S. Frutuoso de Montélios (Braga), com consagração em 656, já em período visigótico mas mantendo um modelo de tipo centralizado; ambas se referem à evangelização, mas igualmente à aliança firmada no poder dos novos reis germânicos ³³.



Igreja de S. João (Quinta de S. João, Nazaré, Leiria)

Iconóstase, detalhe do arco separador central

Fonte: www.cm-nazare.pt

No período visigótico recuperou-se sobretudo a disposição longitudinal e para o território português são conhecidos diversos exemplos de realizações basilicais desta fase, a destacar, entre outras, a *Basilica de Egítania* (Idanha-a-Velha, Castelo Branco), que foi sede catedralícia e cujo Bispo esteve presente no Concílio de Lugo, em 569, bem como outros templos como a Igreja de S. João (Nazaré, Leiria), onde se conservou um vestígio de iconóstase, e a primitiva fundação da Igreja de Vera Cruz de Marmelar (Portel, Évora), a que se referem os vestígios de capelas ao lado do altar-mor, ainda evocando algo de formas clássicas, que se recuperam, quer na definição das arcarias de linha redonda, quer (no caso de Vera Cruz), no próprio relevo dos nichos que servem como altar, evocadores do concheado ³⁴



Igreja de Vera Cruz (Vera Cruz de Marmelar, Portel, Évora)

Capela sul

Nicho decorado, detalhe e perspetivação com arranjo de cultual

Fotografias: M.F.S Patrocínio

³³ Ver: MACIEL (1996), 82-93, e FONTES 2008;

³⁴ Cf. HAUSCHILD 1986, ALMEIDA 1986, MACIEL 1995, ou FONTES 2008.

As edificações suevas e visigóticas revelam o que decorreu de uma síntese criativa de elementos concetuais e formais, originados em período paleocristão, da fase constantiniana à teodosiana, mantendo técnicas de construção, algum sentido de proporcionalidade e distribuição dos elementos, cujo resultado final, atestando a herança antiga, se aproximava, porém, de uma remontagem própria dos modos de aprendizagem artesanal. Apesar disso, fixa-se definitivamente o desenho cruciforme, que será a base das igrejas medievais, o que é um contributo firme estabelecido ainda em período romano-bárbaro. Nos recursos decorativos, o figurativismo desaparece mas, em seu lugar, e exprimindo uma sensibilidade sobretudo interessada nos traços sensorialmente mais apelativos, também com base artesanal, desenvolvem-se padrões com geometrias e vegetalismos estilizados, assentes na distribuição repetitiva.

Apesar de tudo, houve inovações, sobretudo com a arte visigótica, enquanto *arte cristã*; as inovações aplicaram-se à visualidade decorativa, como a novos elementos da própria estruturação arquitetónica: introduziram-se as *impostas*, ou blocos retangulares inseridos na parede que reforçavam o aparelhamento; surgiram as *transennae*, ou sejam cancelas divisórias entre a zona de assembleia e as zonas de altar no interior das igrejas, que reforçaram o sentido de iconóstase; apareceram as *mensae*, ou elementos robustos destinados a servir como mesa de altar; e ainda as *gelosias*, a inserir em aberturas, também em pontos em que era necessário assinalar a divisão de zonas interiores da igreja/basílica. Destaca-se o trabalho escultórico que se prolongava no fabrico de capitéis, comportando vegetalismos adaptando a estética da *ordem coríntia* e algum do seu simbolismo, além do que surge na decoração das ombreiras de porta. Tal como sucede com outras estruturas antigas, desaparecendo o edifício, permanecem os vestígios dos seus elementos constitutivos, a que correspondem os diversos elementos de escultura decorativa, destinados aos espaços de culto, como legado insubstituível quanto ao testemunho do momento formativo de um ciclo arquitetónico ³⁵.

³⁵ Este grupo decorativo tem sido objetos de diversos estudos, que vieram sistematizar e aprofundar as bases de conhecimento de tais elementos, devido ao facto de serem vestígios que acabaram por sobreviver desde estes séculos, e em correlação com os exemplos de fomento edificado visigótico nas dioceses da Lusitânia cristã (cf. as teses de Doutoramento de Filomena Coelho Limão - *Capitéis da Antiguidade Tardia em Portugal- Séculos III/IV-VIII*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2010; dissertação policopiada, e de Licínia Correia Wrench - *Decoração Arquitectónica na Antiguidade Tardia*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008; dissertação policopiada).

**Igreja de Vera Cruz de Marmelar**

Capela norte, dedicada ao Santo Lenho

*Parede e arranjo de impostas decoradas***Fotografia:** M.F.S Patrocínio

A memória da Antiguidade permanecia, enfim, no modo como se mantêm em uso determinados elementos arquitetónicos, com ênfase nas arcarias e colunas e algum sentido residual de ordem, assegurando uma persistência de formas. No entanto, não é o esplendor das origens romanas o que se evocava em cada um destes edifícios cristãos pré-medievais, apesar do evidente gosto por um certo minimalismo clássico – a que se contrapunha o rebuscamento da técnica dos relevos decorativos -, mas as próprias origens constantinianas de uma solução visual e de desenho do espaço que, muito embora recuperem propósitos de equilíbrio linear, referem-se ao estabelecimento de um novo modelo de sociedade, baseado na espiritualidade. Os vestígios em regiões periféricas do velho Império foram desaparecendo com o tempo e com a sucessão dos séculos reedificadores, até que a fundação dos lugares veio ficar muitas vezes reduzida ao seu espectro de lenda; na Lusitânia, apenas a arqueologia mais recente, sobretudo a partir de meados do séc. XX, foi capaz de os recuperar após achados esporádicos ou primeiras notícias, sendo o próprio conceito de uma *arte visigótica* em território português algo de inovador para a pesquisa patrimonial, porque os antigos monumentos vieram a ficar sobrecarregados com as intervenções posteriores, desde as moçárabes às pré-românicas e outras mais avançadas ³⁶.

³⁶ Destaque-se, em pleno séc. XX, o protagonismo de historiadores como D. Fernando de Almeida, ou Eduíno Borges Garcia (o 'descobridor' de S. Gião) e Scarlat Lambrino. As primeiras fundações cristãs, de tempos tardo-romanos às que decorreram das mãos suevas como visigóticas, seriam reaproveitadas pela arte islâmica, como pela arte medieval, e transformadas ou adaptadas a propósitos reconstitutivos. Caso emblemático de S. Frutuoso de Montélios, congregando sucessivas épocas construtivas, e, também, ao que se supõe, da Igreja de Santo Amaro (Beja), de presumível fundação visigótica (e atual secção do Museu local, guardando peças de tempos godos), o que é sugerido pela espacialidade interior quanto à divisão demarcada entre naves e divisão com arcaria redonda, muito embora os vestígios subsistentes sejam de época califal (sécs. X-XI), documentado pelos capitéis islâmicos que suportam a estrutura de arcos (cf. ALMEIDA 1986; HAUSCHILD 1986; e TORRES et al, 1993).



Pilastra decorada com padrões visigóticos

Achado proveniente Sobral da Adiça (Moura, Beja)

Fonte: Museu Municipal de Moura

Porém, no centro do velho Império, em Roma, os primeiros templos cristãos sobreviveram, foram sempre mantidos e recuperados, porque representavam ainda o tempo vivo, tal como permanentemente viva se almejava a Cristandade. Em momentos de profunda renovação, como foi o Renascimento, também se desejava voltar ao espírito *clássico* dos instantes fundacionais da instituição religiosa; no regresso a princípios que se pretendiam absolutos. As regras que haviam proporcionado o surgimento do primeiro legado edificado cristão, e depois seguido por 'bárbaros', representariam também os próprios princípios da arquitetura.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. A. F. (1986)

"Arte visigótica", *História da Arte em Portugal*, Vol. 2 (dir: C. A. F. Almeida), Lisboa: Publicações Alfa.

BERNARDES, J. P. (2006)

"Faro romana. Ossonoba e Milreu", in *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, Nº 26, Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

CAETANO, M.T. (2008)

"Mosaicos da uilla romana de S. Miguel de Odrinhas", *Revista de História da Arte*, Vol. 6, Lisboa: Instituto de História da Arte – Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CRAVEIRO, M^a L. (2009)

Arte Portuguesa da Pré-História ao Séc. XX (Dir. D. Rodrigues), Vol. 9: *A Arquitectura 'ao Romano'*, Lisboa, Fubu Editores.

FONTAINE, J. (1977)

L'art moçárabe, Paris: Zodiaque.

FONTES, L. (2008)

"A Igreja Sueva de S. Martinho de Dume. Arquitectura cristã antiga de Braga e na Antiguidade tardia do Noroeste de Portugal", *Revista de História da Arte*, Vol. 6, Lisboa: Instituto de História da Arte – Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<http://iha.fcsb.unl.pt/uploads/RHA-6-11.pdf>

HAUSCHILD, T. (2008)

"A arquitectura e os mosaicos do 'Edifício de Culto' ou 'Aula' da uilla romana de Milreu", in *Revista de História da Arte*, Vol. 6, Lisboa: Instituto de História da Arte – Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

HAUSCHILD, T. (1986)

"Arte visigótica", in *História da Arte em Portugal*, Vol. 1, Lisboa: Publicações Alfa.

HAUSCHILD, T. (1984)

"A uilla romana de Milreu (Estoi, Algarve)", in *Arqueologia*, Nº 9, Porto: GEAP – Grupo de Estudos de Arqueologia do Porto.

HORTA-CORREIA, J.E. (1991)

Arquitectura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão, Lisboa: Editorial Presença.

LANCHA, J; ANDRE, P. (2000)

Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal II- Conuentus pacensis, Vol. 1: «Torre de Palma», Lisboa: Instituto Português de Museus – Missão Luso-Francesa 'Mosaicos do Sul de Portugal'.

LOPES, V. (2008)

"A arquitectura e os mosaicos do complexo baptistal de Mértola", *Revista de História da Arte, Vol. 6*, Lisboa: Instituto de História da Arte – Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MACIEL, M.J. (2000)

"Entre Constâncio II e Juliano: A linguagem de Potâmio de Lisboa e o conhecimento da Lusitânia do séc. IV", *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Nº 13: «Cognição e Linguagem»*, Lisboa: Edições Colibri.

MACIEL, M.J.P. (1999)

A Antiguidade Tardia no ager Olisiponense. O Mausoléu de Odrinhas, Porto: Centro de Estudos de Ciências Humanas.

MACIEL, M.J.P. (1996)

Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal, Lisboa.

MACIEL, M. J. P. (1995)

"A Arte da Antiguidade Tardia (sécs. III – VIII, ano de 711)", *História da Arte Portuguesa (Dir.: P. Pereira), Vol. I*, Lisboa: Círculo de Leitores.

MARIANO, A.; NASCIMENTO, A. (1998), ed:

Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV, Lisboa: Colibri.

MARKL, D. (1986)

História da Arte em Portugal, Vol. 6, Lisboa: Publicações Alfa.

MARROU, H.-I. (1979 [1977])

Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?, Lisboa: Editorial Aster.

MATOS, J. L. (1995)

Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana (Catálogo de Exposição), Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia – Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português de Museus.

MURPHY-O'CONNOR, J (1998)

Oxford Archaeological Guides: The Holy Land, from earliest times to 1700, Oxford-Nova Iorque: Oxford University Press.

PESSOA, M. (2008)

"Um *stibadium* com mosaico na uilla romana do Rabaçal. De cenário áulico a chão de culto cemiterial", in *Revista de História da Arte, Vol. 6*, Lisboa: Instituto de História da Arte – Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PESSOA, M. (2007)

"Mosaicos da uilla romana do Rabaçal, Penela, Portugal. Prelúdio de Arte Bizantina?", in *Revista de História da Arte, Vol. 3*, Lisboa: Instituto de História da Arte – Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

RODRIGUES, D. (1995)

"Pintura. O Ciclo Renascentista", in *História da Arte Portuguesa (Dir.: P. Pereira), Vol. II*, Lisboa: Círculo de Leitores.

TORRES, C. et al (1993)

Núcleo Visigótico – Museu Regional de Beja, Beja: Museu Regional de Beja – Assembleia Distrital de Beja.

Outras referências (hipermédia, www.):

BEN-DAVID, L. (ed.): "What Is Behind the Mysterious Sealed Gates of Jerusalem's Old City?", *Israel's History. A picture a day* (2012/10/11) www.israeldailypicture.com/2012/10/what-is-behind-mysterious-sealed-gates.html (acedido em 2013.06.03).

DUME

IGESPAR - Ficha de inventário: "Ruínas arqueológicas de São Martinho de Dume"

www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70575/

(acedido em 2013.06.11)

DUME

IRHU –SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

Ficha de inventário: "Ruínas arqueológicas de São Martinho de Dume" [www.monumentos.pt/](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=333)

[Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=333](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=333) (acedido em 2013.06.11).

MILREU

IGESPAR – Ficha de inventário: "Ruínas romanas de Milreu" www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70255/

(acedido em 2013.06.11).

S. FRUTUOSO DE MONTÉLIOS

"Capela de São Frutuoso de Montélios, Braga" www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=290842

(acedido em 2013.06.11)

YUDIN, J.: "Off the beaten track: following the 10th Legion", *The Jerusalem Post News* (2011/09/15)

www.jpost.com/Travel/Around-Israel/Off-the-Beaten-Track-Following-the-Tenth-Legion (acedido em 2013.06.03).